

## Apresentação

É com orgulho, e certa vaidade, que apresento o resultado do trabalho de nosso grupo, um grupo heterogêneo cujo ponto comum é o estudo do grego antigo. Na verdade, este trabalho é mais do que um mero resultado: é um manifesto da nossa existência e da nossa importância. Após tempos difíceis, temos a sensação de que o Setor de Língua e Literatura Gregas do Instituto de Letras da UFRGS renasce, e esta publicação há de ser sua aurora dedirósea.

A equipe: os autores desta tradução somos todos aprendizes diligentes da língua de Homero, na UFRGS e também fora dela: Cesar Lopes Gemelli e Jonas Stocker são alunos do Instituto de Letras da UFRGS, o primeiro com ênfase em grego, o segundo em alemão; Nykolas Friedrich Von Peters Correia Mota é aluno do curso de Filosofia da UFRGS, assim como o era Ricardo Augusto Silveira de Viveiros, que nos deixou pouco tempo depois de terminar sua tradução; Claudiberto Fagundes e Cláudio Dornelles Remião são doutorandos, no programa de pós-graduação em Literatura Comparada e no programa de pós-graduação em História da UFRGS, respectivamente; do curso de língua grega do Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE) vieram André Luís Cruz Sousa, que foi aluno, e Eduardo Laschuk, simultaneamente professor de grego (do NELE, na época) e de química (da Faculdade de Química da PUCRS). A desistência de dois membros iniciais do projeto me obrigou a deixar de ser somente o organizador desta tradução para encarregar-me de uma porção tradutória também; Cesar Gemelli prontamente se ofereceu para assumir a segunda porção órfã, pelo que o agradeço. Agradeço, sobremaneira, à contribuição de Gabriel Gabbardo, mestre em História pela UFRGS, pela erudita, informativa e prazerosa biografia do Imperador Juliano com que nos presenteou; o leitor de nossa tradução certamente se beneficiará de sua leitura prévia tanto quanto nós, os tradutores, nos beneficiamos.

O tratado: esta não só a primeira tradução do *Contra os galileus* de Juliano para o português, mas também a primeira tradução de um escrito do Imperador para nosso vernáculo, o que nós é motivo de orgulho. Disponibilizar aos leitores do português – aos brasileiros, principalmente, pobres em traduções de textos clássicos – este documento importante para as histórias da religião e da filosofia, além de lampejo de um dos personagens mais interessantes do mundo ocidental (como a nota biográfica de Gabriel Gabbaro vai mostrar), é já motivo de vaidade.

O *Contra os galileus* representa um momento de transição da nossa história ou, caso se prefira, o momento em que nós deixamos efetivamente de sermos gregos; ele é um documento de um estágio quase final da querela entre o nascente cristianismo e o decadente “paganismo” (que equivale, de modo geral, a todas as crenças, ritos e cultos que não eram cristãos ou judaicos e que podiam ser remetidos à cultura greco-romana). Na esteira de um vasto número de apologias do paganismo, esse escrito do Imperador guarda suas semelhanças com os escritos de dois importantes antecessores, Celso e Porfírio. Não é de se espantar que todos três tenham chegado até nós em fragmentos, citados por autores cristãos empenhados em refutá-los.

*Palavra verdadeira* (ou *Discurso verdadeiro*, ou *Doutrina verdadeira*, *Alethês lógos*), de Celso, filósofo do século II d.C., nos foi parcialmente preservado pela refutação que lhe consagrou Orígenes, no século III, em seu *Contra Celso*. Da obra de Porfírio, *Contra os cristãos*, do final do século III, temos um número pequeno de fragmentos, preservados por vários autores cristãos, entre eles Eusébio de Cesaréia e Macário Magnes, principalmente. As migalhas da invectiva de Juliano, escrita no século IV (de 362 para 363, conforme a informação de Libânio, *Oração XVIII* 178), nos foram transmitidas por Cirilo, bispo de Alexandria, através da sua obra, também ela fragmentária, de refutação de Juliano, escrita entre os anos de 433 e 441: conservamos os dez primeiros livros do tratado de Cirilo e fragmentos dos livros 11-20; os dez primeiros livros ocupam-se do primeiro livro do *Contra os galileus* de Juliano; os dez seguintes, do segundo livro da obra de Juliano, de que temos pouquíssimos fragmentos; e, talvez, uma terceira dezena de livros de Cirilo teria refutado o terceiro livro do Imperador, o que é mera conjectura (Neumann apegar-se à dedicatória de Cirilo a Teodósio II, que dá a informação de que a obra de Juliano continha três livros). Os fragmentos ora traduzidos são os do primeiro livro de Juliano, apenas.

A partir do pouco que nos resta desses defensores do paganismo, podemos perceber alguma constância de argumentos e alguma variedade de ânimos. Quando Celso escreve contra os cristãos, e mesmo quando Porfírio o faz, o cristianismo não é muito mais do que uma seita de gente humilde e ignorante (que estava ganhando adeptos, é verdade), sem tradição, sem amparo filosófico, sem bons escritores, sem documentos fidedignos (segundo a opinião dos pagãos,

evidentemente). Com Juliano, os argumentos são mais ou menos os mesmos; desde o início chamando aos cristãos “galileus”, o Imperador quer ressaltar o caráter restrito, local, do credo dos pescadores. Assim como Celso e Porfírio, Juliano se preocupa demais com as fraquezas do oponente e muito pouco com as de sua própria religião. Todavia, há uma diferença crucial entre o debate intelectual movido por Celso e Porfírio, e a urgência enervada e agressiva de Juliano. Se aqueles escreviam para um número relativamente pequeno de cristãos ou, mais determinante, cristãos que não tinham grande poder político e influência, Juliano escreve num momento em que o cristianismo já havia arrebanhado um Imperador romano: Constantino. Com certa imprecisão histórica, pode-se dizer que Celso e Porfírio ainda escreviam para impedir um avanço, ao passo que Juliano, para recuperar território.

O texto: traduzimos, portanto, os fragmentos do primeiro dos três livros do *Contra os galileus* de Juliano, preservados por Cirilo de Alexandria. É importante não esquecer que estamos lendo trechos selecionados por Cirilo, que não apresentam, sempre, unidade e seqüência argumentativa.

Até 1880, lia-se o tratado de Juliano tal como nos foi preservado, isto é, interpolado ao tratado de Cirilo. Os números que se encontrarão entre colchetes nesta tradução se referem às páginas da *editio princeps* da obra de Cirilo, produzida por Ezekiel Spanheim em 1696. Em 1880, no entanto, Karl Johann Neumann editou todos os fragmentos do escrito de Juliano, preservando, de Cirilo, apenas os poucos resumos da argumentação de Juliano que ele julgou por bem apresentar. Neumann, além disso, modificou a ordem dos fragmentos, buscando reconstruir a estrutura do primeiro livro do *Contra os galileus*, mas manteve a paginação de Spanheim. É por esse motivo que a numeração do texto não cresce linearmente e vêem-se saltos nela.

A tradução: com esse cenário, nem será preciso dizer que o estabelecimento do texto grego, sua compreensão e o conhecimento das referências de Juliano a outros autores e obras, bem como o de dados históricos ou extra-textuais, extrapolam em muito os limites da nossa equipe e que, por isso, nos apoiamos nos editores e tradutores da obra de Juliano. Assim, cumpre observar que quase todas as referências à Bíblia e a autores gregos são indicadas por eles e foram, em sua grande maioria, incorporadas nas nossas notas. Em nosso esforço coletivo, acrescentamos bastante informação adicional, que auxiliará o leitor.

Como diretor da tradução, forneci algumas diretrizes a serem seguidas por todos; como revisor, fiz ajustes de pequeno porte. Os tradutores, contudo, dentro do possível, tiveram sua liberdade de estilo e de opções garantida. Isso poderá ser percebido na tradução. Para citar um único exemplo, às vezes a palavra *kósmos* é traduzida por “cosmo” e, noutras vezes, por “mundo”. Como diretor, revisor e professor, afinal, sou obrigado a responsabilizar-me por toda espécie de erros que, com certeza, persistem.

As seguintes obras são citadas nas notas da tradução apenas pelo sobrenome dos autores:

*Neumann*: K. J. Neumann, *Juliani Imperatoris Librorum Contra Christianos Quae Supersunt* (edição) e *Kaiser Julians Bücher Gegen Die Christen* (tradução), Leipzig, Teubner, 1880.

*Blanco e Gazapo*: J. G. Blanco y P. J. Gazapo, *Juliano, Contra los Galileos, Cartas y Fragmentos, Testimonios, Leyes* (tradução, com introduções e notas), Madrid, Gredos, 2001.

*Wright*: W. C. Wright, *The Works of the Emperor Julian* (edição do texto de Neumann com algumas alterações e tradução), volume III, London, Heinemann, 1923.

*Hoffmann*: R. J. Hoffmann, *Julian's Against the Galileans* (tradução e estudo introdutório), New York, Prometheus Books, 2004.

Nossa tradução segue o texto da edição de Neumann, embora quase sempre acolha as alterações apresentadas pela de Wright.

José Baracat Jr.

## Juliano: uma nota biográfica

Gabriel Gabbardo

Juliano, dito *o Apóstata*, foi um imperador romano que teve um reinado extremamente curto. Tornou-se soberano incontestado do Império a três de novembro de 361, morrendo a 26 de junho de 363, com 33 anos; reinou, portanto, por apenas dezoito meses.

Ainda assim, tal indivíduo alimentou, como poucos governantes da época romana o fizeram, a imaginação da posteridade. Juliano aparece nos ambientes mais curiosos: como personagem de lendas siríacas do século VII; como tema de uma tragédia apresentada em Florença durante o governo de Lourenço, o Magnífico, (século XV); em uma tragédia de Henrik Ibsen; em diversos poemas de Konstantinos Kaváfis; em um romance histórico de Gore Vidal.

O motivo é claro: figura fascinante, Juliano encarnou todas as contradições de uma sociedade inteira. Soldado aplicado, encontrava tempo para ler Platão e Homero na calada da noite; o homem mais rico do Império, mas que sempre dormia nas condições mais precárias que pudesse suportar; general competente, com inúmeras vitórias no currículo, acabaria por levar o seu exército a uma *débâcle* militar significativa; tinha como modelos de sua *basiléia* Alexandre – o conquistador – e Marco Aurélio – o filósofo. Mais importante do que tudo isso, contudo: era um soberano que tentara efetuar uma ambiciosa reforma religiosa, na qual as antigas formas de culto – as quais podemos definir, de maneira flexível, como “pagãs” – seriam restauradas, em contraposição à religião cristã propagada e privilegiada pelo homem que era seu (meio) tio, Constantino.

### Constâncio I e suas duas mulheres

A sina de Juliano começou a ser tecida graças ao imperador Diocleciano. Sob Diocleciano (284-305), o Império Romano superou a “crise do século III (235-284)”, um período de instabilidade governamental que quase destruiu